

■ ARTIGOS

■ A criança-pesquisadora: caminhos possíveis para a educação nos anos iniciais do Ensino Fundamental

 *Daiane Aparecida Araújo de Oliveira**
*Leonardo Eustáquio S. da Silva***

Resumo: Este trabalho tem por objetivo ressaltar a pesquisa como princípio educativo nos anos iniciais do ensino fundamental e como um caminho potente para a educação escolar contemporânea, no sentido de a criança, enquanto ser humano ativo na cultura e na escola, é a pesquisadora; e o professor ou a professora é organizador(a) do espaço social da pesquisa. Para isso, e apoiando-se nos princípios da Teoria Histórico-Cultural de Lev Semionovitch Vigotski, este trabalho compartilha algumas práticas pedagógicas de pesquisa com crianças, organizadas em uma escola de Brasília/DF. Espera-se que este trabalho possa inspirar docentes que atuam na infância a valorizar a criança como ser pesquisador, pessoa capaz de constituir-se na cultura, nas ciências e nas artes. Para tanto, é preciso que a escola se compreenda enquanto espaço formal de educação que tem a possibilidade de guiar o desenvolvimento humano da criança por meio de sua própria ação pesquisadora.

Palavras-chave: Criança-pesquisadora. Escola. Educação. Teoria Histórico-Cultural.

* *Daiane Aparecida Araújo de Oliveira é pedagoga e mestra em Educação pela Universidade de Brasília – UnB, especialista em Educação Infantil na Perspectiva Histórico-Cultural, pelo Instituto Saber. Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental do Colégio CIMAN. Integrante do GEPPE – Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas – UnB (CNPq). Contato: daiane.aao@gmail.com*

** *Leonardo Eustáquio S. da Silva é professor licenciado em Ciências e em Matemática pela Universidade Católica de Brasília e mestre em Bioética pela Universidade de Brasília - UnB. Psicólogo pelo CEUB. Diretor do Colégio CIMAN - Unidade Cruzeiro. Contato: leoeustaquio@gmail.com*

A curiosidade é uma característica humana presente desde a mais tenra infância. As crianças pequenas, em certa idade, começam a realizar perguntas, a exemplo: *O que é? Para que serve? Por quê? Onde? Quando?* O que comumente surpreende os adultos que estão a sua volta. O fato é que a curiosidade é movida pelo interesse e, quanto mais as alimentamos, principalmente na infância, maior será a potencialidade de a criança tornar-se uma pessoa mais observadora, questionadora, crítica e, sobretudo, criadora. Além disso, é preciso reconhecer que, desde esse momento da infância, o comportamento das crianças apresenta atributos característicos da pesquisa, que podem tornar-se, na educação escolar, centralidade nos processos educativos.

Organizar, nos ambientes educativos, esse interesse em desvendar o mundo é uma forma de fazer ciência com crianças, uma maneira de construir um caminho capaz de afirmar que as curiosidades podem levar a descobertas que, possivelmente, ampliarão a vontade de descobrir mais e levarão a novos conhecimentos sobre o mundo.

Da mesma forma, é imprescindível que professoras e professores estejam dispostos a construir essa trajetória de pesquisa. A capacidade de guiar as crianças pelo descortinamento de um mundo que ainda não foi vivido de maneira formal por elas é tarefa dos(das) docentes da infância. Caminhar com as crianças por uma via cheia de curiosidades, descobrindo, juntos e juntas, caminhos para os diversos conhecimentos.

É nesse sentido que este trabalho tem por objetivo ressaltar a pesquisa como princípio educativo nos anos iniciais do ensino fundamental e como um caminho potente para a educação escolar contemporânea, no sentido de a criança, enquanto ser humano ativo na cultura e na escola, é a pesquisadora; e o professor ou a professora, é organizador(a) do espaço social da pesquisa. Para isso, à luz da Teoria Histórico-Cultural de Lev Semionovitch Vigotski, este trabalho compartilha algumas práticas pedagógicas de pesquisa com crianças organizadas em uma escola de Brasília/DF, com a intencionalidade de partilhar possíveis caminhos para a educação das infâncias e inspirar outras professoras ou professores em suas atuações docentes.

A criança na escola: educação e cultura

No escopo da Teoria Histórico-Cultural, há a compreensão de que não nascemos humanos, mas tornamo-nos a partir da relação com outras pessoas, e isso somente é possível em meio à cultura e historicidade constituída pela humanidade. O bebê, ao nascer, na relação com outros seres, torna-se humano em suas condições histórico-culturais, mediado pelos signos, atividades e ferramentas. Ou seja, o bebê que nasce

é, em potência, um ser humano, mas somente poderá tornar-se um, ao constituir-se culturalmente. Isso é o que difere os humanos dos outros animais, tendo em vista que pessoas nascem biologicamente prontas e, nas experiências culturais, é possibilitada sua constituição humana, dia após dia.

Vigotski (2018) considera a existência de três tipos de experiência: a individual, a social e a histórica. Na vida cultural, as crianças estão imersas em todas elas e, na experiência social e histórica, a imaginação possui importante função, como aponta o autor:

Nesse sentido, a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e desenvolvimento humano. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de outra pessoa porque, tendo por base a narração ou descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua própria experiência. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estritos de sua experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando a experiência histórica ou social alheias com a ajuda da imaginação. Assim configurada, a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana (VIGOTSKI, 2018, p. 26-27).

É possível afirmar, então, que a criança social é um ser cultural e que na ampliação de suas experiências tem-se a possibilidade de seu desenvolvimento humano. Portanto, à luz da teoria de Vigotski, entende-se que a educação deve ter como premissa básica a ampliação de tais experiências. Assim, este princípio deveria transversalizar toda a educação, dos bebês aos adultos, pois, como o próprio autor diz: “O saber que não passa pela experiência pessoal não é saber” (VIGOTSKI, 2003, p. 76). Em diálogo com a afirmação de Vigotski, é possível corroborar: a educação que não amplia as experiências culturais da pessoa humana não potencializa o seu desenvolvimento:

A estrutura comum da educação social está orientada para ampliar ao máximo os limites da experiência pessoal restrita, para organizar o contato da psique da criança com as esferas mais amplas possíveis da experiência social já acumulada, para inserir a criança na rede da vida com a maior amplitude possível (VIGOTSKI, 2003, p. 238)

É nesse sentido que este trabalho busca ressaltar a pesquisa como princípio educativo na educação das infâncias, pois, considerando que as experiências das crianças precisam ser ampliadas, a escola enquanto espaço educativo formal precisa fundamentar-se nesse importante recurso pedagógico, a fim de criar condições para que os(as) estudantes se constituam humanos, por meio da apropriação da cultura.

As artes e as ciências são criações humanas e têm,

em si, características de diferentes culturas, tendo em vista que as pessoas são diversas, suas criações também são. É inconcebível compreender determinada arte ou ciência como superior à outra, essa postura sobrepõe uma pessoa a outra - tendo em vista que quem produz cultura são pessoas. Portanto, tratar das artes e ciências na educação é ressaltar, sobretudo, a diversidade humana; e a oportunidade de vivenciá-las na escola oportuniza, por conseguinte, o acesso ao diverso; o que potencializa o desenvolvimento humano.

Pensando nisso, uma escola de Brasília/DF¹ tem como projeto a *Mostra de Arte, Ciência e Cultura - MACC*, caracterizada como um projeto com foco no processo de pesquisa realizado pelas turmas da educação infantil² ao fundamental, conforme metodologia que será apresentada a seguir, e que culmina na *mostra*, com as produções das crianças.

As vivências com metodologia de pesquisa na MACC: a criança-pesquisadora

Na pesquisa realizada pelas crianças na *Mostra de Arte, Ciência e Cultura* é engendrada uma educação colaborativa, em que o professor, ou a professora, estudantes e o espaço educativo possuem papel trilateralmente ativo, como define Vigotski (2003):

O processo educativo, portanto, é trilateralmente ativo: o aluno, o professor e o meio existente entre eles são ativos. Por isso, é incorreto conceber o processo educativo como um processo placidamente pacífico e sem altos e baixos. [...] Nada lento, é um processo que ocorre a saltos e revolucionário, de incessantes combates entre o ser humano e o mundo (VIGOTSKI, 2003, p. 70).

Ou seja, o(a) docente não pode assumir o centro do processo e ser responsável por ensinar aos alunos sobre um determinado conteúdo de maneira unilateral, mas sim, deve ser o(a) organizador(a) do espaço educativo, compreendido não somente enquanto meio físico, mas, em especial, meio relacional e social. Sua missão, neste ponto, no que diz respeito à pesquisa, é organizar os atos de curiosidade dos(as) estudantes e, em colaboração, buscar caminhos para encontrar as respostas de seus questionamentos.

Sobre qual assunto quero saber mais? No percurso da pesquisa da MACC, em primeiro lugar, os(as) estudantes escolhem, dentro da sua turma, um assunto que possuem interesse em ampliar seus conhecimentos, algo que possuem curiosidade em saber mais. São elencados diferentes temas, mas os(as) próprios(as) estudantes escolhem, entre si, qual será a pesquisa mais apropriada para o momento. Esse diálogo para a escolha da temática envolve a habilidade de pensar

juntos sobre os assuntos sugeridos, ouvir o outro e compreender um processo de criação coletivo da pesquisa. Torna-se importante a compreensão de que uma temática contempla diferentes áreas do conhecimento, por exemplo, ciências da natureza, ciências humanas e expressões de arte que, na organização da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, encontra-se na área de linguagens (BRASIL, 2017). Assim, as crianças potencializarão seu interesse em ampliar seus conhecimentos em diferentes áreas.

É possível que as crianças escolham a temática da pesquisa com base em suas experiências, tais como brincadeiras, brinquedos, filmes, jogos etc; ou porque desejam saber mais sobre algo que já ouviram falar e não buscaram aprofundar-se anteriormente, assim como é possível que escolham a partir de determinado assunto que está em evidência no momento da pesquisa. A exemplo, *vacinas* foi o tema escolhido por uma turma do 5º ano em 2019, quando a vacinação ainda não era palco de polêmicas, como atualmente. Por menos valiosa que pareça ser uma temática escolhida no momento, ela possibilita grandes contribuições no desenvolvimento dos(das) estudantes e pode efetivar uma metodologia de pesquisa que tenha, essencialmente, significado para a vida humana. Atualmente, em 2021, as vacinas têm sido um assunto muito discutido e foram um assunto que, em 2019, as crianças já haviam conversado a respeito. Não existe temática melhor ou pior, as próprias crianças é que validarão aquilo que é importante para, no momento, ser o âmago de suas pesquisas.

Por que quero saber mais sobre isso? Interligada à pergunta anterior, é preciso que as crianças reflitam sobre o porquê de desejarem saber mais sobre isso. O professor ou a professora, como organizador(a) do espaço educativo, precisa propor momentos de reflexão sobre a relevância daquilo que as crianças desejam pesquisar, buscando, nelas mesmas, seus motivos e interesses. Nem tudo que não sabemos desejamos conhecer. Nem tudo gera curiosidade suficiente para buscarmos ampliar os conhecimentos. O questionamento das motivações que levaram à turma escolher determinada temática para ampliar seus saberes é um trabalho do(a) docente, com o intuito de guiar o desenvolvimento da consciência sobre a escolha realizada. É imprescindível realizar perguntas, como convites aos(as) estudantes ao mergulho do porquê de seus interesses. Enquanto organizadores(as) do espaço educativo, é necessário buscar a compreensão com os(as) estudantes da relevância do tema para a vida daqueles(as) que desejam aprender.

Por que terei interesse neste conhecimento se ele não tem relação com meu mundo? Qual a relevância desta temática, não somente para mim, mas para o coletivo? Assim, nessa proposta, tem-se uma preocupação com aquilo que parte das experiências das crianças,

mas busca a ampliação de tais experiências de tal modo que todos(as) sejam autores(as) do percurso da pesquisa - que se dará em meio às relações sociais e culturais constituídas na escola. Na MACC de 2019, algumas crianças disseram que desejariam saber mais sobre o porquê elas tomam vacinas durante suas vidas sem entender a importância delas e sem saber como essa prática de vacinação surgiu.

Se o professor ou a professora pensa o tema proposto em vez de as próprias crianças pensarem, ou opta por uma temática que lhe parece aparentemente mais fácil e já está sob seu domínio, estará na contramão dos caminhos metodológicos da pesquisa. Mesmo sem ter um aprofundamento sobre os conhecimentos das áreas envolvidas na pesquisa, o(a) docente pesquisará, com os(as) estudantes envolvidos(as), sobre aquilo que desejam saber. Para isso, é preciso se despir do pseudo-poder sobre os objetos de conhecimentos. O(a) professor(a) não é o(a) possuidor(a) do saber, e pode, junto com as crianças, aprender sobre determinado assunto.

O processo de constituição humana na cultura, por meio da pesquisa, não é uma ação solitária, isolada no pensamento de cada estudante. No meio social constituído no espaço formal escolar, nas salas de aula e fora dela, é preciso que as trocas de experiências sejam vividas constantemente, de maneira pulsante, de tal modo que, a partir disso, as crianças encontrem e criem caminhos para suas descobertas.

O que já sabemos? Após a escolha do tema, tem-se como ponto de partida este questionamento, e depois, de maneira colaborativa, os(as) estudantes compartilham entre si os conhecimentos que já possuem sobre a temática que norteará a pesquisa. Por exemplo, sobre as vacinas, os(as) estudantes compartilharam informações como: vacinas evitam doenças; são boas para a saúde; tanto crianças quanto adultos tomam. Nesse momento, o professor ou a professora compreende os conceitos que as crianças já se apropriaram, além disso, na primeira conversa é possível evidenciar que as crianças começam a aprender com as experiências alheias, a partir da troca.

O momento da partilha deve ser constante ao longo de toda trajetória. Os(as) estudantes dividem o conhecimento aprendido em cada fase da pesquisa, apresentando no espaço educativo cada nova descoberta. Quando alguém lê ou assiste um documentário sobre o tema da pesquisa pode levar seus novos saberes para a sala de aula, compartilhando com os(as) colegas, que possivelmente farão

perguntas que motivarão outras perguntas. E nessa relação coletiva que o conhecimento torna-se materializado, de tal modo que os diálogos guiam os próximos passos e caminhos da pesquisa.

Será que o que já sabíamos estava equivocado? Cabe ao grupo repensar seus conhecimentos, constantemente. Voltar a questionar e compreender onde estão as fragilidades do suposto saber. Procurar descobrir sobre quais bases constituíram determinado conceito e de qual maneira foi possível compreender que era equivocado o entendimento sobre algo. Por exemplo, se um(uma) estudante disser que as vacinas são um tipo de medicamento, terá a oportunidade de repensar.

O erro como algo negativo no espaço educativo torna-se, portanto, um equívoco, do ponto de vista pedagógico. Nesse processo, não há o objetivo de quantificar aprendizagens, tão pouco validar ou desvalidar algo, mas, sim, propor caminhos para a descoberta de evidências para a compreensão sobre um determinado assunto. O mundo contemporâneo, de fácil disseminação do conhecimento, também espalha desinformação. É preciso que o professor ou a professora seja o(a) organizador(a) de um espaço educativo que busque informações válidas e confiáveis, ressaltando a importância disto.

O ato de pesquisar também deve ter essa importante missão: evidenciar que nem toda informação é conhecimento científico. Os(as) estudantes pesquisadores terão a oportunidade singular de perceber a importância da busca por fontes confiáveis e as diferentes informações possíveis de serem encontradas na internet, muitas vezes não confiáveis. A reflexão em torno do que aprendemos e de onde vem este aprendizado deve ser cíclica e constante. Os(as) pesquisadores(as) deverão se ater não somente ao tema a ser pesquisado, mas em quais lugares buscarão esse conhecimento com segurança (Foto 1).

Torna-se importante refletir que o conhecimento não é, necessariamente, somente nas áreas das ciências da natureza, da matemática etc. E a MACC aqui retratada deve deixar isso claro aos participantes, uma vez que as artes possuem suas próprias expressões, que também são válidas e genuinamente humanas. Na MACC, tudo isso é transversalizado pela cultura, que é diversa.

Foto 1 – Diga não às Fake News



Fonte: Colégio CIMAN, 2019.

O que queremos saber? Em seguida, o professor ou a professora guia este questionamento, buscando compreender aquilo que os(as) estudantes querem saber, tendo em vista que, a respeito da temática, eles(elas) já possuem alguns conhecimentos - contemplados na pergunta anterior. Nesse momento, as crianças elencam as perguntas relevantes que desejam buscar respostas, por meio da pesquisa, por exemplo: Qual é a história da vacinação no Brasil? Qual é a importância de vacinar-se? Quais vacinas compõe o calendário de vacinação, atualmente? Quais são as diferenças entre vacinas e medicamentos? E por aí vai.

Em uma pesquisa coletiva como esta, os(as) estudantes podem, diante do mesmo tema, buscar diferentes conhecimentos, porém, o conhecimento precisará ser compartilhado com todos no espaço de aprendizagem. Professores e professoras, estudantes e suas famílias partilharão das descobertas coletivas, desenvolvendo-se, refletindo, elaborando e reelaborando em todo conhecimento apurado. No processo *do que queremos saber*, também se refuta algumas hipóteses inicialmente elencadas. Este processo tem sua importância para o percurso da pesquisa. Sem refutar questões iniciais, a pesquisa correria o risco de tomar dimensões sem possíveis conclusões ou com conclusões errôneas, sem concretude a ponto de as crianças deixarem de perceber o caminho percorrido por elas. Novamente, cabe ao professor ou a professora o constante papel de perceber o caminho percorrido, e organizar o espaço da pesquisa para que se alcancem os objetivos propostos.

Como vamos/podemos descobrir? Nesse momento, as crianças são convidadas a pensar sobre os meios que utilizarão para que consigam encontrar as respostas para suas perguntas. Quando são menores, nos 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, por exemplo, é comum que tudo aquilo que as crianças desejam saber seja encontrado em respostas vindas de um adulto. Porém, o intento do projeto é mostrar para todas as crianças, independente da idade, que além dos fatos narrados por outrem, há diversos meios em que podemos encontrar caminhos para saber mais. Além disso, nem sempre há uma única resposta possível, mas uma que é cientificamente mais aceita.

Sendo assim, alguns meios possíveis para a pesquisa são: ler textos e imagens em meio impresso e digital, assistir vídeos sobre o assunto, realizar experimentos científicos com diferentes intencionalidades, conversar com outras pessoas especialistas no assunto e que

podem responder aquilo que se deseja saber, realizar visitação a outros espaços externos à escola como museus, exposições, parques, que possam contribuir nesse processo, etc.

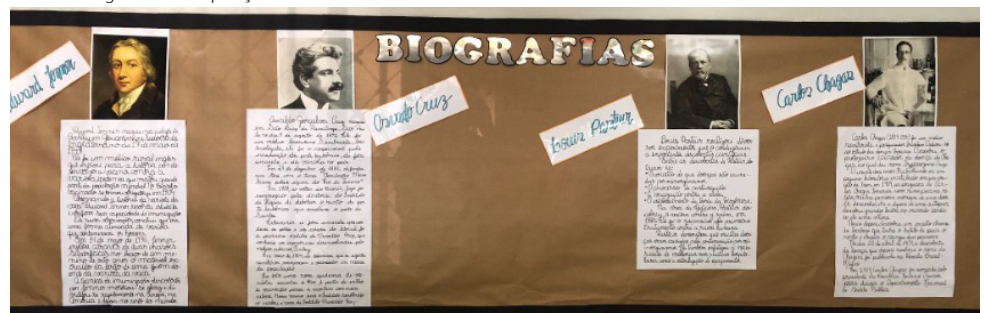
Com as informações pesquisadas, cada estudante tem a oportunidade de apresentar aos demais o material que conseguiu pesquisar. Nesse momento, inicia-se o movimento de sempre questionar as fontes das informações obtidas. Diversos(as) estudantes passam a perceber incoerências entre os conteúdos apresentados e a questionar a confiança que poderiam ter em cada uma delas. Com isso, aprendem sobre fontes confiáveis de informações científicas. As informações obtidas nesta fase são registradas em portfólio, para que, depois deste ponto, os conhecimentos possam ser acessados por todos os interessados. Os registros mostraram-se importantes para análises posteriores, onde as informações poderiam ser conferidas e as fontes checadas.

Nesse momento da pesquisa, sobre as vacinas, os(as) estudantes foram capazes de compreender toda uma trajetória de vacinação no Brasil e das descobertas mundiais. Pesquisaram sobre Louis Pasteur, cientista francês fundador do método de imunização; discutiram a Revolta da vacina; a erradicação da febre amarela no Rio de Janeiro; e os primórdios históricos de vacinação com Oswaldo Cruz (campanha fiscal e policial) e Carlos Chagas (introduziu a propaganda e a educação sanitária) inovando o modelo campanhista de Oswaldo Cruz, até chegarem aos dias atuais, com a ilustração do conhecido “Zé Gotinha” (Foto 2).

Em continuidade aos exemplos sobre vacinas, os(as) estudantes realizaram saídas de campo, como a ida até Secretaria de Saúde do DF (SES-DF), na Central Distrital da Rede de Frios do Programa Nacional de Imunização, no Setor de Indústria e Abastecimento (Setor de Indústria e Abastecimento – SIA), como é possível observar nas imagens (Fotos 3 e 4).

Na oportunidade, puderam conhecer mais sobre o armazenamento de vacinas, discutir sobre o envazamento e saber um pouco da logística da distribuição de vacinas no Distrito Federal. Também puderam ir a um posto de saúde que possui sala de vacinação. Conhecer

Foto 2 – Biografias em exposição da MACC



Fonte: Colégio CIMAN, 2019.

Foto 3 – Estudantes na Central Distrital da Rede de Frios do Programa Nacional de Imunização



Fonte: Colégio CIMAN, 2019.

Foto 4 – Estudantes na Central Distrital da Rede de Frios do Programa Nacional de Imunização



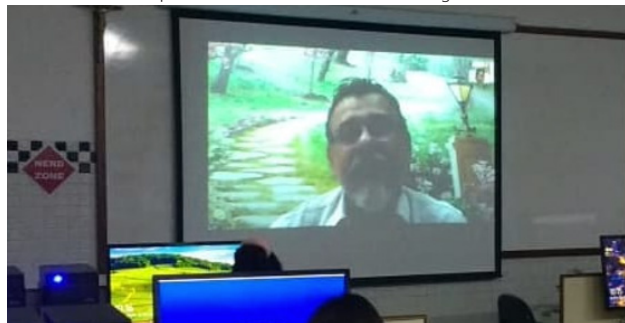
Fonte: Colégio CIMAN, 2019.

os(as) enfermeiros e enfermeiras que trabalham com esta atividade, questionar sobre como elas controlavam quem já foi vacinado, perguntar sobre a dor ao receber as vacinas, dentre outros questionamentos. A experiência com as informações obtidas diretamente dos profissionais que atuam na área é uma possibilidade de ampliar os conhecimentos neste espaço público de saúde coletiva.

Ainda sobre o exemplo das vacinas, outra experiência de ampliação de conhecimentos no percurso da aprendizagem foi a realização de uma entrevista com um infectologista, por videoconferência. Nesse processo, os(as) estudantes tiveram de organizar perguntas com suas curiosidades a respeito da temática, elencando as prioridades individuais. Depois foi preciso que, em sala de aula, estudantes decidissem quais seriam as perguntas mais importantes e como poderiam complementar o roteiro utilizando os questionamentos pensados por toda turma. Assim, roteirizaram a entrevista para que no decorrer do bate-papo todos os itens fossem esclarecidos (Foto 5).

Essa é uma prática que possui uma via de mão dupla, ao mesmo tempo que os(as) estudantes têm a oportunidade de conversar com um especialista da área, os(as) especialistas têm a oportunidade de partilhar seus

Foto 5 – Entrevista por videoconferência com infectologista



Fonte: Colégio CIMAN, 2019.

conhecimentos com estudantes da educação básica. Essa troca de experiência se potencializa para além dos muros da escola.

O que fazer com este conhecimento? A cada passo dado na pesquisa, rumo às respostas para as perguntas e questionamentos que fazem, são realizadas diversas atividades com o objetivo de reunir as informações, anotações e descobertas dos(as) estudantes. Sobre as vacinas, em sala, foram criados painéis expositivos contendo curiosidades, informações históricas e anotações quantitativas das vacinas nos últimos anos. Além destes, também foram construídos textos coletivos sobre as descobertas das pesquisas, compartilhando assim, as informações com os demais colegas de turma.

Na MACC, todo o conhecimento é sistematizado, dia após dia, no processo de pesquisa, de tal forma que pudesse ser compartilhado pelos(as) estudantes a toda a comunidade escolar, em um sábado letivo escolar. O que as crianças fazem com este conhecimento é, principalmente, levá-los para suas vidas, mas, também, compartilhar com outras pessoas, visitantes que podem ir à escola aprender mais com eles(as).

No dia que finda o percurso de pesquisa da MACC, estudantes ficam disponíveis à comunidade escolar para compartilhar o processo da pesquisa e os conhecimentos envolvidos nesta trajetória. Os interessados no assunto vão até a sala de aula e ouvem dos(as) estudantes pesquisadores(as) tudo aquilo que aprenderam, podem tirar dúvidas, perguntar e conversar sobre o assunto escolhido.

Sobre as vacinas, os(as) estudantes convidaram os(as) visitantes a levarem os cartões de vacinas para que, juntos, conferissem se estava atualizado, conforme a campanha nacional de vacinação. Foi realizado um trabalho em parceria com a Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, enfermeiras e enfermeiros estiveram com crianças neste dia, auxiliando nas orientações quanto às vacinas a partir daquilo que elas aprenderam em seu processo de pesquisa.

Nesse momento, os registros escritos auxiliam no partilhar das experiências. Os visitantes podem ler aquilo que as crianças produziram, e as próprias pesquisadoras podem consultar suas pesquisas e anotações caso

seja necessário. No dia da *MACC*, fica evidente o quanto o ato de pesquisar é capaz de potencializar o desenvolvimento humano. O processo de pesquisa não se encerra, mas se inicia a partir do percurso de pesquisa, na infância.

Cabe ressaltar que a *MACC* é desenvolvida de maneira interdisciplinar, além de envolver diferentes áreas de conhecimento, envolve diferentes disciplinas. Artes, educação física, inglês, comunicação eletrônica, de uma maneira una, todas as disciplinas se envolvem no projeto de pesquisa.

Considerações finais

Organizar o espaço educativo escolar de forma a incentivar a ação pesquisadora por parte dos(as) estudantes pode, em diversos aspectos, potencializar o desenvolvimento das crianças em suas infâncias. Suas curiosidades, que têm por base suas experiências anteriores, podem ser pontos de partida para ampliação de conhecimento, de maneira em que a criança seja ativa, assim como o professor ou a professora e o meio educativo (VIGOTSKI, 2018). A criança-pesquisadora cria e modifica o ambiente de pesquisa e é transformada na relação com ele.

Na Teoria Histórico-Cultural, de Lev Vigotski, tem-se o entendimento que a criança se constitui humana na cultura. Nesse sentido, a *Mostra de Arte, Ciência e Cultura*, enquanto uma metodologia de pesquisa que tem a criança-pesquisadora como ser humano ativo no espaço educativo, que é transversalizado pelas artes, ciências e culturas, demonstra ser uma potente ferramenta e recurso pedagógico para o desenvolvimento infantil e constituição humano-cultural da criança.

Além disso, diante dos desafios de pesquisar em diferentes fontes, mas com a necessidade do diálogo colaborativo, os(as) estudantes passam pela conscientização coletiva das diversas fontes de pesquisa existentes, mas, sobretudo, daquelas que são confiáveis, em busca da superação das *Fake News*.

Espera-se que este trabalho possa inspirar docentes que atuam na infância a valorizar a criança como ser pesquisador, pessoa capaz de constituir-se na cultura, nas ciências e nas artes, para tanto, é preciso que a escola se compreenda enquanto espaço educativo que tem a possibilidade de guiar o desenvolvimento humano da criança, por meio de sua própria ação pesquisadora. ■

Notas

¹ O Colégio CIMAN é uma escola que possui duas unidades: uma localizada no Cruzeiro Novo/DF e outra na Octogonal/DF; ambas efetivam referido projeto citado no texto.

² Apesar de o projeto ser realizado na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, neste artigo trataremos, especificamente, das práticas realizadas com as crianças dos anos iniciais. Mesmo que a *Mostra de Arte, Ciência e Cultura* possua a mesma essência nas duas etapas, são necessárias diferentes abordagens devido às características de cada momento da infância.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica: Edição comentada**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2018.